

CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Naluã Paranhos da Silva Batista

**AGRESSIVIDADE NA ESCOLA: um estudo na Escola Municipal de Ensino
Fundamental Elemar Guilherme Kröth do município de Vera Cruz – RS**

Santa Cruz do Sul

2016

**AGRESSIVIDADE NA ESCOLA: um estudo na Escola Municipal de Ensino
Fundamental Elemar Guilherme Kröth do município de Vera Cruz – RS**

Por

Naluã Paranhos da Silva Batista

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Educação Física, da Universidade de Santa Cruz do Sul, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Educação Física.

Orientadores:

Dr.^a Miria Suzana Burgos

Prof.^a Ms. Sandra Mara Mayer

Santa Cruz do Sul

2016

UNIVERSIDADE DE SANTA CRUZ DO SUL
CURSO DE GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

A COMISSÃO EXAMINADORA, ABAIXO ASSINADA, APROVA A MONOGRAFIA

**AGRESSIVIDADE NA ESCOLA: um estudo na Escola Municipal de Ensino
Fundamental Elemar Guilherme Kröth do município de Vera Cruz – RS**

ELABORADA POR

Naluã Paranhos da Silva Batista

COMO REQUERIMENTO PARCIAL PARA OBTENÇÃO DE GRAU DE LICENCIADO
EM EDUCAÇÃO FÍSICA

COMISSÃO EXAMINADORA:

Prof. Dra. Miria Suzana Burgos

Prof. Dr. Gilmar Fernando Weis

Prof^ª. Ms. Sandra Mara Mayer

Santa Cruz do Sul

2016

Revisão da Língua Portuguesa

Alexandre de Bastos Batista

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	6
CAPÍTULO I	
PROJETO DE PESQUISA.....	7
1. JUSTIFICATIVA, DEFINIÇÃO DO PROBLEMA E OBJETIVOS.....	8
2. AGRESSIVIDADE	9
3. MÉTODO DE INVESTIGAÇÃO.....	16
REFERÊNCIAS.....	18
CAPÍTULO II	
ARTIGO.....	21
ANEXOS.....	25
ANEXO A.....	26
ANEXO B.....	28

APRESENTAÇÃO

O presente trabalho de conclusão divide-se em dois capítulos, sendo que o Capítulo I apresenta o Projeto de Pesquisa, que compreende a justificativa do presente projeto, objetivo principal, referencial teórico baseado em autores, além do método utilizado para a pesquisa, como também dados dos sujeitos investigados, técnicas e descrição da coleta de dados. O Capítulo II contém o artigo, elaborado de acordo com as normas da revista escolhida para a publicação, constando a introdução, referencial teórico, método de investigação, resultados, discussão, conclusão e referências. Além dos anexos, que trazem os instrumentos de coleta de dados e normas da revista para publicação.

CAPÍTULO I
PROJETO DE PESQUISA

1 JUSTIFICATIVA, PROBLEMATIZAÇÃO E OBJETIVOS

A medida que o tempo vai passando, a ocorrência de violências nas escolas vem aumentando cada vez mais. Esta infelizmente é uma realidade que está cada vez mais visível devido a vários problemas que as crianças enfrentam no seu dia-dia, tanto fora da escola, quanto dentro. É neste momento que a escola e pais precisam ficar atentos para estarem mais presentes na vida destas crianças, dando toda uma atenção especial, pois eles necessitam desta dedicação integral. As pessoas são afetadas por vários sentimentos, assim, acabam gerando a agressividade. Este tema, na maioria das vezes, está anexado no âmbito escolar, no qual as atitudes agressivas formam uma conduta de tamanha grandeza que é aguçada pelo educando, possibilitando tendência agressiva. Assim, a família aparece como autor principal junto com a escola, na formação da criança (DUARTE, 2009).

Segundo Moreno (2002, p.251), os valores “são um dos bens mais ricos que uma criança pode aprender no seu meio familiar”, pois a família é a base de tudo, com a qual se aprende a ser um patriota e cidadão de bem, tornando-se uma pessoa mais forte e confiante para seguir em frente. Ensinar bons princípios somente é possível quando o amor é grande e sincero.

Para Henn (2007), as agressões são em razão às questões sociais, e a criança agressiva é desse jeito pela forma como é criada, dando-se à agressividade o sinônimo de frustração. A educação começa na família, refletindo esse comportamento na escola. Segundo Lopes Neto (2005), a escola é uma área de grande valor para as crianças e adolescentes, desde que seja um lugar cômodo, o qual leva ao envolvimento, ao interesse e crescimento. Quando se torna um ambiente apático promove indisciplina, proporcionando sentimentos de insatisfação e como consequência, muitas vezes, a violência.

Segundo Shariff (2011, p. 34), o *bullying* se define como: um ato ou conduta agressiva e proposital que é praticado em coletividade ou individual que se repete várias vezes a um certo tempo contra uma vítima que é incapaz de se defender facilmente. Se tratando mais especificamente sobre o *bullying* escolar, são consideradas todas as atitudes agressivas, que são intencionais e repetitivas, realizadas por um ou mais estudantes contra outro(s) sem motivação evidente ou dentro de uma relação desigual, ou seja, que intimide a vítima facilmente, causando-lhe dor e angústia.

Segundo Fante (2005), as condutas agressivas que ocorrem nas escolas são normalmente reconhecidas como atitudes normais, sendo geralmente ignoradas ou não valorizadas, tanto por professores quanto pelos pais. Chalita (2008) enfatiza que pequenas

ações por parte da direção escolar podem colaborar para o acontecimento de *bullying* no ambiente escolar. É indispensável que todos os membros da escola se unam desde o primeiro dia de aula e informem o que é *bullying* e que não será admitido atitudes assim no ambiente escolar.

Há três maneiras diferentes de se envolver, a do autor, a da vítima e a testemunha do acontecimento. Problemas físicos ou emocionais, a respeito de convívios sociais ou até mesmo de aprendizagem. É indispensável que todos saibam sobre o *bullying* e que a escola se torne um ambiente de proteção aos seus alunos e não somente como um lugar no qual todos vão para aprender a escrever, ler e efetuar cálculos matemáticas. A escola deve ser reconhecida como um ambiente de socialização, onde todos aprendam a ser cidadãos, tendo relação de harmonia uns com os outros, sempre respeitando um ao outro, sobretudo (LOPES NETO, 2007).

Os atos identificados com manifestação de agressividade contém grandes séries de comportamentos, mas normalmente a identificamos como agressão física, que atualmente tem perturbado crescentemente pais e educadores, com diversas demonstrações de violência no interior das escolas. Nesta perspectiva, nos questionamos sobre o sentido de educar no antro de uma sociedade cheia de agressividade, levantando, conseqüentemente, uma discussão sobre os problemas encontrados hoje na chamada sociedade “produtivista e comunista”(CANDAU; NASCIMENTO; LUCINDA, 2001).

Para Silva (2010), é preciso dar ênfase à escola como um lugar no qual as relações entre pessoas são essenciais para o desenvolvimento dos jovens, ajudando a educá-los para a vida adulta por meio de incentivos que superam as avaliações acadêmicas tradicionais (testes e provas). Para que tenha uma maturidade adequada, os jovens necessitam que grandes mudanças ocorram no ambiente escolar e familiar. Essas transformações devem redefinir papéis, funções e expectativas de todas as partes envolvidas no contexto educacional.

No dia 6 de novembro de 2015, foi adicionada a Lei nº 13.185. A presidente Dilma Rousseff sancionou a lei que institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática em todo o território nacional. O objetivo principal é prevenir e combater a prática de *bullying* no país, sobretudo nas escolas, com a finalidade da lei promover a cidadania, a capacidade empática e o respeito a terceiros, nos marcos de uma cultura de paz e tolerância mútua e evitar, tanto quanto possível, a punição dos agressores, privilegiando mecanismos e instrumentos alternativos que promovam a efetiva responsabilização e a mudança de comportamento hostil (BRASIL, 2015).

Portanto, em um mundo com grandes novidades tecnológicas, em que a informática passou a ser um utensílio de convívio diário e a televisão ocupa o maior tempo livre de crianças, jovens e adultos, como informar as pessoas de que agressividade é algo que esta crescendo nas escolas, revelando a falta de compromisso com a formação integral do ser humano. Assim, o presente trabalho procura responder o seguinte **problema**: como se configura o comportamento agressivo das crianças e adolescentes que frequentam a Escola Municipal de Ensino Fundamental Elemar Guilherme Kröth do município de Vera Cruz –RS?

Este estudo tem como **objetivo geral**: identificar o comportamento agressivo das crianças e adolescentes de 6º a 9º ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental Elemar Guilherme Kröth do município de Vera Cruz –RS

Objetivos específicos:

- Identificar os tipos de agressões que ocorrem entre escolares na escola;
- Identificar os locais onde ocorrem com mais frequência;
- Identificar se os pais falam sobre o tema agressividade em casa;
- Verificar em que circunstâncias o comportamento agressivo se manifesta com maior intensidade;
- Verificar em quais aspectos o professor interfere no comportamento agressivo dos alunos;
- Verificar se os atos ocorrem mais em meninas ou meninos.

2 AGRESSIVIDADE

A agressividade é uma realidade constante na nossa sociedade, sendo um acontecimento geral que atinge grande parte da população, entre crianças e adolescentes, devido a motivos externos e internos à escola, seja nas interações sociais, familiares, socioeducacionais e nas relações interpessoais (FANTE, 2005).

Para Lopes Neto (2005), no momento em que falamos da violência contra crianças e adolescentes e a associamos aos lugares onde ela acontece, a escola aparece como um ambiente ainda pouco conhecido, especialmente com relação ao comportamento agressivo existente entre os próprios estudantes. Segundo Beaudoin (2006), a escola, em suas práticas normais, como focar nas conquistas, nas competições, avaliações e regras, formam circunstâncias que provocam frustrações e afastamento nos alunos. Esta conduta violenta, acaba nos preocupando, pois ela resulta no convívio entre o crescimento individual e os contextos sociais, como família, escola e comunidade. De modo infeliz, o modelo do mundo exterior é retratado nas escolas, fazendo com que esse estabelecimento de ensino deixe de ser locais seguros, moldados pela disciplina, organização, amizade, companheirismo, e se tornem ambiente onde há violência, tristeza e medo.

Atualmente, sabe-se que atitudes violentas podem ser impedidas, seu impacto reduzido e as causas das respostas agressivas modificadas. Assim, não refere-se a falta de fé, pois tem afirmações que se baseiam em certezas. Exemplos realizados com sucesso podem ser avistados em vários lugares, a partir de trabalhos sozinhos e em grupos em pouca escala, até atos políticos nacionais e iniciativas legislativas (DEBARBIEUX; BLAYA, 2002).

2.1 Comportamento agressivo

Atitudes violentas praticadas pelas crianças no convívio escolar preocupam pais, professores e todos aqueles que estão relacionados com o processo de ensino e aprendizagem. Problema encontrado não apenas a nível local, mas também a nível mundial. A agressividade precisa basicamente do medo e da ameaça de um insucesso e surge como uma intenção defensiva. Seja em meio de brincadeira, ou não, a violência e a agressividade menosprezam o ser humano que convive na escola, as quais só favorecem para a destruição da sociedade (LOUZADA; LOUZADA; LAZARINI, 2008).

Para Lopes Neto (2011, p.15), a agressividade no ambiente escolar relaciona-se “a todos as condutas agressivas e anti-sociais que ocorrem em lugares associados a escola”.

inserindo -se, nesse termo, tanto problemas entre pessoas, ou seja, entre estudantes ou entre professor e estudante, como danos ao patrimônio, atos criminosos entre outras práticas.

A violência causada na escola pode ter várias origens motivadoras, tanto fatores internos, quanto externos á escola, sendo que a escola não possui recursos e maneiras para impossibilitar que influenciam nos motivos externos sobre a vida dos alunos, e assim tornando-se centro de muitos acontecimentos de violência. A escola tem a obrigação de estimular o ensino e o crescimento de atitudes que reconhecem o desempenho da tolerância e da solidariedade entre os estudantes, a conversa, consideração e as relações de cooperação devem ter o reconhecimento e valorização de todos (FANTE, 2005).

2.2 Cotidiano escolar e violência

Um indivíduo consciente de seus direitos e deveres torna-se apto a combater qualquer forma de violência e construir a paz. O método educacional é sobre tudo libertador, propõe a construção de cidadãos livres, conscientes, independentes e generosos, que os tornem honestos através do respeito pelo planejamento individual. Não deve ser submisso e obediente, mas também não deve ser confundida com contradição ou com estímulo á violência (POIÉSIS, 2000).

Existem vários lugares que podem ser desenvolvidas as agressões contra adolescentes e crianças, e um deles é o ambiente escolar onde há mais relações entre pessoas, ou seja entre alunos e professor e aluno. Conseqüentemente, quando a criança é colocada no âmbito escolar, ela perde pouco da proteção familiar, assim sendo essencial que ela mesmo corra atrás de conquistar o seu espaço, identidade e aceitação, definindo relações para harmonia social. Ao passar no procedimento da escola com a família, as crianças e adolescentes acabam infelizmente sendo vítimas de violências morais e físicas e assim manifestando condutas agressivas, arrogantes e exclusivistas (LOPES NETO, 2011).

Para Muller (2010), a violência escolar não é uma série de problemas recente, mas sim um fato que deve ser levado em conta pelas maneiras em que esta violência se expõe em idade cada vez menor dos alunos que se envolvem e as atitudes dos fatores externos em relação ao crescimento das agressões fora do âmbito escolar, estas atitudes violentas vão se repetindo e acabam aumentando a sensação de ameaça a todo tempo.

2.3 Definição de *bullying*

A palavra *bullying* dirige-se a um afrontamento, gozação, constrangimento, apelidos que possam intimidar e perseguir as pessoas, acusando às injustamente, com atitudes coletivas que visem em afastar e ironizar a vida de outros, com estragos psíquicos, físicos e morais. E ainda, *bullying* é visto como uma forma específica, que não poderia ser confundido com outros modos de opressão. Seu termo se refere a uma conduta que remete a agressividade física, psicológica e verbal, sendo feito de formas continua (FANTE, 2005).

O *bullying* é uma forma difundida de violência no âmbito escolar. Há várias formas de combater a prática do *bullying*, como garantir ajuda de todos os envolvidos da escola, juntar um mutirão para que isso não aconteça e ter atendimento específico a várias formas de acontecimento do mesmo, criar um lugar para lidar com os direitos humanos, pensando em prevenir o assédio moral, transtornos mentais, maus tratos e exploração (GREENE, 2006).

Para Lopes Neto (2005), *bullying* é considerado uma violência física ou psicológica, contra alguém que não é capaz de se defender, causando dor e angústia. A grande maioria dos *bullies* usam do poder, da ameaça e da arrogância, alguns tentam se impor e manter suas vítimas sob controle, e usam algumas estratégias. O *bullying* também acontece no ambiente familiar, com irmãos, pais ou cônjuges autoritários, malvados e intolerantes. Estas pessoas incomodam as suas vítimas fazendo sua autoestima baixar. Portanto, a prática de *bullying* deve ser considerada um fator de auto risco para atitudes violentas e graves, como porte de armas, brigas frequentes, lesões relacionadas a brigas e crimes, razão pela qual não deve ser tratada como uma forma normal para o crescimento do adolescente (LOPES NETO, 2011).

2.4 A família frente à agressividade na escola

Segundo Abramovay e Rua (2002), a ocorrência de violência é um enorme obstáculo social nos dias de hoje, trazendo dificuldades para a saúde pública, tornando-se a maior causa de mortalidade na adolescência. Para Fante (2005), as demonstrações de agressividade que acontecem dentro do âmbito escolar não vêm de agora, acontecem a tempo. Aparecem por vários fatores motivadores históricos, culturais e econômicos que se manifestam dentro e fora das escolas. Os conhecedores em educação, constatam que o crescimento da agressividade na escola se deve em parte a uma crise de autoridade familiar, em que os pais não querem dar educação aos filhos, passando essa obrigação para os professores. Os pais e professores tem que lidar com um eterno desafio, que é impor regras. É um problema que vem aumentando e ficando cada vez mais difícil com passar dos anos. Segundo Moreno (2002, p.251), os valores “são um dos bens mais ricos que uma criança pode aprender no seu meio familiar”, pois a família é a base de tudo, onde aprende-se a ser um patriota e cidadão de bem, e assim tornando-se uma pessoa mais

forte e confiante para seguir em frente. Ensinar bons princípios somente é possível quando o amor é grande e sincero.

Veiga (1992) diz que os pais protegem e dão muito amor aos seus filhos e sempre tentam preservar eles de todas as coisas ruins e assim dedicam diariamente para atendê-los. E de modo infeliz isto acaba tendo resultado contrário ao que esperávamos. E involuntariamente acabamos formando filhos sem limites e sem respeito. As limitações sempre devem ser expostas às crianças, para que elas saibam até onde podem chegar sem serem importunos. Crianças mimadas ou superprotegidas tornam-se adulto cheio de problemas. A sociedade mudou, temos uma alteração de papéis e valores, e acabamos tendo mais conhecimento que podemos ter, a mulher trabalha fora, o avanço tecnológico foi grande, a família, criança, aluno e a escola todos mudaram. E com tanta mudança ocasiona confusão e expectativas.

Segundo Pedra (2008), o amor entre integrantes da família é o início de toda boa base de educação, por isso, é tão importante conviver em paz, principalmente com os filhos, mantendo sempre a conversa. Procurar saber o mundo que eles vivem e permití-los que conheçam o seu. Além disso, é importante que os pais dos mesmos sejam informados através de palestras, cartilhas ou até mesmo textos, para que possam ajudar seus filhos e também ficar atentos as suas ações diante do mundo tecnológico.

Para Fadiman (2002), a educação infantil deve ocorrer em casa, e que à escola compete a formação acadêmica, aumentando de alguns valores. Por isso, é uma união de forças educacionais e não um jogo de passar as responsabilidades um para outro, no qual a criança deixa de ter uma educação e acaba se tornando cheia de problemas. A educação não é bem assim para ensinar, ela tem que ser trabalhada desde muito cedo, pois não tem como educar da noite para o dia. Não somos robôs que podem ser programados, somos seres humanos, que precisam de crescimento e maturidade para tornar a vida melhor. Portanto, o lugar do professor, principalmente para os alunos de idade mínima, retrata imagens parentais mais próximas durante o tempo que cuidadores carinhosos e portadores de autoridades e, não poucos, são procurados como sucessores idealizados dos cuidadores verdadeiros. Olhando em outro ângulo, no momento em que a escola arca o papel de auxiliar os filhos dos outros a serem alguém na vida, está confirmando que esses filhos não são alguém, que essas crianças não trazem junto uma parte do seu próprio conhecimento do mundo, que essa sabedoria vinda com eles de suas casas, ruas, campos de futebol e igrejas não vale, ou vale muito pouco sem o lapidar ensinante.

2.5 As vítimas e os agressores de *bullying* na escola

Segundo Fante (2005), normalmente os autores de *bullying* buscam por pessoas que possuem características que sirvam de base para suas agressões. Desse jeito, eles se aproximam de pessoas que mostram alguma desigualdade em relação ao grupo, como por exemplo: obesos, baixa estatura, deficiência física, ou outros aspectos culturais ou religiosos. Segundo Silva (2010), as vítimas podem ser de ambos os sexos. O autor do *bullying*, apresenta em sua personalidade traços de desrespeito e maldade e, na maioria das vezes, essas características estão vinculadas a um temido poder de liderança que, em geral, é obtido ou legitimado através da força física ou de intenso assédio psicológico. Pode agir sozinho ou em grupo. No momento em que está acompanhado de seus seguidores, seu poder de destruição ganha grande reforço, o que aumenta seu território de ação e sua capacidade de produzir mais e novas vítimas. As vítimas estão repetidamente afastadas do grupo ou perto de algum adulto que possa protegê-las, como professor, diretor ou cantineiro. Na sala de aula, apresentam postura retraída, têm extrema dificuldade em perguntar algo ao professor ou emitir sua opinião para os demais alunos, apresentam faltas frequentes às aulas, com intuito de fugir das situações de exposição, humilhações ou agressões psicológicas ou físicas. O autor também salienta que os alunos aos poucos vão se desinteressando pelas atividades e tarefas escolares (isso também inclui perdas constantes de seus pertences, especialmente materiais didáticos).

Ocasionalmente, nos casos mais dramáticos, apresentam hematomas (contusões), arranhões, cortes, ferimentos, roupas rasgadas ou danificadas. A conduta, a cultura, a forma de se vestir, a falta de habilidades em alguns esportes, a deficiência física ou aparência fora do padrão de beleza colocado pelo grupo, o sotaque, a gagueira, a raça podem ser as causas para a escolha de uma vítima (CHALITA, 2008).

3 MÉTODO DE INVESTIGAÇÃO

3.1 Caracterizações dos sujeitos de pesquisa

Os adolescentes que fazem parte desta pesquisa são alunos de 6ª à 9ª ano do ensino fundamental, de ambos os sexos, num total de 132 alunos, sendo que 72 são meninos. Os alunos pertencem a Escola Municipal de Ensino Fundamental Elemar Guilherme Kroth, município de Vera Cruz-RS.

3.2 Abordagem metodológica

O procedimento utilizado nesta pesquisa se caracteriza como um estudo descritivo exploratório. Segundo Campos (2001) e Gaya et al. (2008), a pesquisa descritiva busca conhecer e interpretar a realidade sem nela interferir, somente descrevendo essa realidade.

3.3 Procedimentos metodológicos

Este estudo seguirá as seguintes etapas:

1ª Etapa: Contato com escolas e sujeitos, a fim de solicitar a permissão para realizar a pesquisa junto com as direções, ocasião em que foram esclarecidos os objetivos do estudo;

2ª Etapa: Marcação das datas nas escolas para efetuar a coleta de dados, com a aplicação do questionário;

3ª Etapa: Aplicação do questionário;

4ª Etapa: Organização, análise e discussão dos dados coletados;

5ª Etapa: Elaboração do artigo.

3.4 Técnicas e instrumentos de coletas de dados

Para o diagnóstico da agressividade dentro das escolas, será utilizada uma entrevista individual, através de um questionário, adaptado por Mayer (2000) (ANEXO 1), sendo que o pesquisador estará presente, justificando a pesquisa e qual seus objetivos. Esses tipos de questionários fornecem dados para análise do perfil de agressividade de uma escola.

3.5 Análise estatística

Os dados serão analisados através do programa estatístico SPSS 22.0, (IBM, Armonk, NY, USA), sendo apresentados em frequência e percentual.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M.; RUA, M. G. *Violências nas escolas*. 3.ed. Brasília: UNESCO, 2002.

BEAUDOIN, Marie-Nathalie. *Bullying e desrespeito: Como acabar com essa cultura na escola*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

BRASIL, Jus (2015). Lei do *Bullying*. Página visitada em 22 março 2016 de: <http://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/253144600/lei-13185-15>.

CAMPOS, Luis Fernando. *Métodos de Técnicas de Pesquisa*. São Paulo: Alínea, 2001.

CANAU, V. M.; NASCIMENTO, M. G.; LUCINDA, M. C. *Escola e violência*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

CHALITA, Gabriel. *Pedagogia da Amizade. Bullying: o sofrimento das vítimas e dos agressores*. São Paulo: Gente, 2008.

DEBARBIEUX, E.; BLAYA, C. *Violência nas escolas e políticas públicas*. Brasília: UNESCO, 2002.

DUARTE, Juliano dos Santos. *Agressividade na escola: um estudo na Escola Estadual de Educação Básica Borges de Medeiros*. 2009. 27f. Monografia (Curso de Graduação em Educação Física) – Universidade de Santa Cruz do Sul, 2009.

FANTE, Cleodelice. *Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para paz*. São Paulo: Versus, 2005.

FADIMAN, James. *Teorias da personalidade*. São Paulo: Harbra, 2002.

GAYA, A.et al. *Ciências do movimento humano: introdução à metodologia da pesquisa*. Porto Alegre: Artmed, 2008.

GREENE, Michael B. *Bullying in schools: a plea for measure of human rights*. *Journal of Social Issues*, v.62, n. 1, p.63-79, mar. 2006.

HENN, Manuela. *Agressividade na escola: um estudo nas Escolas Municipal e Estadual do Ensino Fundamental Luiz Schoroeder e Professor José Wilke*. 2007. 25f. Monografia (Curso de Graduação em Educação Física) – Universidade de Santa Cruz do Sul, 2007.

LOPES NETO, Aramis Antônio. *Bullying: comportamento agressivo entre estudantes*. *Jornal de Pediatria*, Rio de Janeiro, n. 81, p. 164-172, 2005.

LOPES NETO, Aramis. Diga não ao *bullying*. *Revista Adolescência e Saúde*, Rio de Janeiro, v.4, n.3, p. 51-56, jul./set. 2007.

LOPES NETO, Aramis Antônio. *Bullying: Saber identificar e como prevenir*. São Paulo: Breasilense, 2011.

LOUZADA, S.S.S; LOUZADA, G.L.S; LAZARINI, Z.B.S. *O Bullying na vida dos adolescentes*. Revista Facevv. Revista Científica da Faculdade Cenecista de Vila Velha, vl, p.76-84, 2º sem.2008.

MAYER, Sandra Mara. *Comportamento agressivo em escolares de 1ª a 8ª série de Ensino Fundamental de Santa Cruz do Sul: uma abordagem através da teoria dos sistemas Ecológicos*. 114f. Dissertação de Mestrado – Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2000.

MULLER, Anizia Cristina. *Bullying no ambiente escolar: um estudo realizado com os alunos da Escola Ernesto Alves de Oliveira no Município de Santa Cruz do Sul/RS*. 2010. 24 f. Monografia (Graduação do Curso de Educação Física) - Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2010.

MORENO, Ciriaco Izquierdo. *Educar em Valores*. 2.ed. São Paulo: Paulinas, 2002.

PEDRA, José Augusto. *Bullying escolar: perguntas e respostas*. Porto Alegre: Artmed, 2008.

POIÉISIS, Revista Pedagógica. *Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação*. Tubarão-SC: UNISUL, v, 4, p. 1172, jul./dez. 2000.

SHARIFF, Shaheen. *Cyberbullying: questões e solução para a escola, a sala de aula e a família*, Porto Alegre: Artmed, 2011.

SILVA, Ana Beatriz B. *Bullying: mentes perigosas nas escolas*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

VEIGA, Francisco Diuner. *A criação segundo Freud: o que queremos para nossos filhos*. [s.l.]: 3.ed Dumará, 1992.

CAPÍTULO II
ARTIGO

Perfil do *bullying* em escolares do 6º ao 9º ano no município de Vera Cruz - RS

Perfil *bullying* en la escuela del 6 al 9 años en la ciudad de Vera Cruz - RS

*Graduanda em Licenciatura em Educação Física
pela Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC/RS)

**Naluã Paranhos da Silva
Batista***
lu92batista@hotmail.com

**Mestre e Professora do Departamento de
Educação Física e Saúde, UNISC, RS.

Sandra Mara Mayer**
smmayer@unisc.br

Universidade de Santa Cruz do Sul, UNISC, RS,
Brasil.

Resumo

O presente estudo descritivo exploratório tem por objetivo verificar se ocorre um comportamento relacionado ao *bullying* em escolares dos 6º, 7º, 8º e 9º ano do ensino fundamental de uma escola de ensino fundamental do município de Vera Cruz – RS. Os sujeitos desta pesquisa são 132 alunos, sendo 72 do sexo masculino e 60 do sexo feminino, com a faixa etária de 11 a 17 anos. Para a coleta de dados, foi utilizada uma pesquisa individual, através de um questionário. A análise estatística dos resultados foi realizada no programa SPSS v. 20.0. Os resultados apontam que é elevado o percentual de escolares que já sofreram alguma agressão (31,8%). A principal forma de agressão foi à agressão verbal e física (8,3%). O recreio (16,7%) e a sala de aula (7,6%) são os locais onde mais ocorrem as agressões. Com relação ao agressor, 9,8% relataram ser do mesmo ano, mas de outra turma e sobre quem eram os agressores, verificou-se uma diferença significativa entre os sexos, sendo um menino (7,6%) o responsável pela agressão entre o sexo masculino e uma menina (6,1%) entre o sexo feminino. Através deste estudo, pode-se constatar que a maioria dos sujeitos entrevistados não sofreu qualquer tipo de agressão; porém, houve relatos de agressão na escola e é necessário que haja uma maior atenção e compreensão do assunto *bullying*, tanto por professores, pais e sociedade em geral.

Palavras-chave: agressividade, violência e *bullying* escolar.

Resumen

Este estudio descriptivo y exploratorio tiene como objetivo verificar si hay un comportamiento relacionado con el acoso en la escuela del sexto, séptimo, octavo y noveno grado de educación básica en una escuela de en la ciudad de Vera Cruz - RS. Los temas son 132 estudiantes, con 72 varones y 60 mujeres, con el grupo de edad 11-17 años. Para la recolección de datos, se utilizó una investigación individual, a través de un cuestionario (Olweus, 1993), adaptada por Mayer (2000). Se realizó el análisis estadístico con SPSS programa v. 20.0. Los resultados muestran que hay un alto porcentaje de los estudiantes que ya han sufrido alguna agresión (31,8%). La principal forma de asalto fue la agresión verbal y física (8,3%). La recreación (16,7%) y la clase (7,6%) responsable de la agresión entre son donde se producen la mayoría de los asaltos. En cuanto al agresor, 9,8% reportó estar en la misma del ano, pero en otra clase y quiénes son los atacantes había una diferencia significativas de género, es un muchacho (7,6%) o responsable de la agresión género hombres una chica (6,1%) entre las mujeres . A través de este estudio, se puede observar que la

mayoría de los entrevistados no sufrió ningún tipo de agresión; sin embargo, hubo informes de agresión en la escuela y es necesario que haya mayor atención y comprensión del tema intimidación ya sea por los profesores, los padres y la sociedad en general.

Palabras clave: agresión, la violencia y el acoso escolar.

Introdução

À medida que o tempo vai passando, a ocorrência de violências nas escolas vem aumentando cada vez mais. Esta infelizmente é uma realidade que está cada vez mais visível devido a vários problemas que as crianças enfrentam no seu dia-dia, tanto fora da escola, quanto dentro. É neste momento que a escola e pais precisam ficar atentos para estarem mais presentes na vida destas crianças, dando toda uma atenção especial, pois eles necessitam desta dedicação integral. As pessoas são afetadas por vários sentimentos, assim, acabam gerando a agressividade. Este tema na maioria das vezes, está anexado no âmbito escolar, no qual as atitudes agressivas formam uma conduta de tamanha grandeza que é aguçada pelo educando, possibilitando tendência agressiva. Assim, a família aparece como autor principal junto com a escola, na formação da criança (DUARTE, 2009).

Para Chalita (2008), o termo *bullying* esta relacionado a um adjetivo inglês, denominado *bully*, que significa pessoa valente, cruel, maldosa e desumana. O *bullying* é uma forma difundida de violência no âmbito escolar. Há várias formas de combater a prática do *bullying*, como garantir ajuda de todos os envolvidos da escola, juntar um mutirão para que isso não aconteça e ter atendimento específico a várias formas de acontecimento do mesmo, criar um lugar para lidar com os direitos humanos, pensando em prevenir o assédio moral, transtornos mentais, maus tratos e exploração (GREENE, 2006).

Segundo Lopes Neto (2011), o *bullying* é considerado uma violência física ou psicológica, contra alguém que não é capaz de se defender, causando dor e angústia. A grande maioria dos *bullies* usam do poder, a ameaça, e a arrogância, alguns tentam se impor e manter suas vítimas sob controle, e usam algumas estratégias: O *bullying* também acontece no ambiente familiar, conhecidos como irmão, pais ou cônjuges autoritários, malvados e intolerantes. Estas pessoas incomodam as suas vítimas fazendo sua autoestima baixar. Portanto, a prática de *bullying* deve ser considerada um fator de auto risco para atitudes violentas e graves, como porte de armas, brigas frequentes, lesões relacionadas á briga, crimes, etc., razão pela qual não deve ser tratada como uma forma normal para o crescimento do adolescente (SILVA, 2010).

Para Rolim (2010), a prática do *bullying* se relaciona todas as atitudes de violência que acontecem de propósito e repetitivamente contra um ou mais alunos que não podem se defender. Destaca-se todos os atos de violência que ocorrem de maneira intencional, onde o autor desta ação quer gerar um sofrimento na vítima, repetindo as agressões e assim desequilibrando o poder entre os dois. O *bullying* incentiva e aguça a violência, através de atitudes agressivas ou ofensivas realizados de propósito e repetitivamente a qualquer pessoa e podem gerar prejuízos para a sua saúde física e mental. O *bullying* psicológico e moral é obtido através de perseguição, ameaças, fofocas, sempre excluindo e esnobando a vítima e o *bullying* sexual que é o assédio ou o abuso (RUOTTI, 2006).

Segundo Silva (2010) normalmente, os agressores agem em grupo e a vítima dificilmente ganha apenas um tipo de agressão, que podem se expressar de várias maneiras, como: o *bullying* verbal, realizado através de ofensas, deboches, colocação de apelidos e piadas ofensivas. E o *bullying* físico, como bater, empurrar, chutar, beliscar (BEANE, 2010). O *bullying* material por atos como roubar, danificar ou desfigurar pertences da vítima (LOPES NETO, 2011).

Para diminuir a violência no âmbito escolar, é fundamental analisar a fundo as ações e convívio entre os indivíduos, analisando de várias formas, para poder entender o que acontece no dia-dia no ambiente escolar. As escolas precisam entender a imensidão do problema causado por este tipo de violência e criar ações para que se termine de uma vez só com esse problema (NASHIKI, 2013).

Existem três maneiras diferentes de se envolver, a do autor, vítima e testemunha do acontecimento. Problemas físicos ou emocionais, que refere-se a respeito convívios sociais ou até mesmo de aprendizagem. É indispensável fazer com que este conhecimento sobre este fenômeno *bullying* sejam exposto a todos, fazendo com que a escola se torne um ambiente de proteção aos seus alunos, e não somente como um lugar no qual todos vão para aprender a escrever, ler e efetuar cálculos matemáticas. A escola deve ser reconhecida como um ambiente de socialização, onde todos aprendem a ser cidadãos, tendo relação de harmonia uns com os outros, sempre respeitando um ao outro sobretudo (LOPES NETO, 2007).

O presente estudo tem como objetivo verificar o perfil dos alunos que praticam o *bullying*, além de identificar o padrão comportamental dos alunos praticantes e alvos, como também verificar os locais onde costumam ocorrer as agressões e identificar se os professores realizam ações a fim de evitar o *bullying*.

Método

O presente estudo, de caráter descritivo-exploratório, foi realizado com 132 alunos, sendo 72 do sexo masculino e 63 do sexo feminino, com a faixa etária de 11 a 17 anos, do 6º, 7º, 8º e 9º ano do ensino fundamental do município de Vera Cruz - RS.

Para detectar o perfil de frequência do *bullying*, foi realizada uma pesquisa individual através do questionário de Olweus (1993) adaptado por Mayer (2000), pelos quais foram coletados os dados de identificação e de desenvolvimento socioafetivo. Os dados foram analisados através do programa estatístico SPSS 22.0 (IBM, Armonk, NY, USA), sendo apresentados em frequência e percentual.

Resultados

Na tabela 1 estão descritas as características dos sujeitos da pesquisa, sendo que (54,5%) são do sexo masculino, a maior parte dos entrevistados pertence ao 6º ano (36,4%) e tem idade de 13 anos (23,5%).

Tabela 1: Características gerais dos sujeitos da pesquisa

	Masculino (N=72) n (%)	Feminino (N=63) n (%)	Total (N= 132) n(%)
Ano			
6º ano	27 (37,5)	21 (35,0)	48 (36,4)
7º ano	18 (25,0)	8 (13,3)	26 (19,7)
8º ano	16 (22,2)	16 (26,7)	32 (24,2)
9º ano	11(15,3)	15 (25,0)	26 (19,6)
Idade			
11 anos	10 (13,9)	13 (21,7)	23 (17,4)
12 anos	10 (13,9)	9 (15,0)	19 (14,4)
13 anos	16 (22,2)	15 (25,0)	31 (23,5)
14 anos	21 (29,2)	13 (21,7)	34 (25,8)
15 anos	9 (12,5)	7 (11,7)	16 (12,1)
16 anos	4 (5,6)	2 (3,3)	6 (4,5)
17 anos	2 (2,8)	1 (1,7)	3 (2,3)

Através da tabela 2, observa-se que é elevado o percentual de escolares que já foram agredidos (31,8%), sendo que destes 33,3% eram do sexo masculino e 30,0% do sexo feminino. Com relação à forma de agressão sofrida, apesar de não haver diferença significativa entre os sexos, a principal forma de agressão foi a agressão verbal, com 8,3% e agressão física, com 8,3%. O recreio (16,7%) e a sala de aula (7,6%) foram identificados como os locais em que mais ocorrem as agressões dentro da escola. Quando questionados de que ano eram os agressores, 9,8% relataram ser do mesmo ano, mas de outra turma e sobre quem eram os agressores, verificou-se que não tem diferença significativa entre os sexos, sendo um menino (7,6%) o responsável pela agressão entre o sexo masculino e uma menina (6,1%) entre o sexo feminino.

Tabela 2: Perfil de agressão sofrida pelos escolares

	Masculino n (%)	Feminino n (%)	Total n (%)	P
Já foi agredido alguma vez na escola				
Sim	24 (33,3)	18 (30,0)	42(31,8)	0,682
Não	48 (66,7)	42 (70,0)	90 (68,2)	
Quantas vezes aconteceu de ficares só				
Nunca fiquei só	60 (83,3)	48 (80,0)	108 (81,8)	0,483
Uma ou duas vezes neste trimestre	10 (13,9)	7 (11,7)	17 (12,9)	
Duas ou mais vezes esta semana	2 (2,8)	4 (6,7)	6 (4,5)	
Uma vez esta semana	0 (0,0)	1 (1,7)	1 (0,8)	
Forma de agressão				
Ninguém me agrediu	51 (70,8)	41 (68,3)	92 (69,7)	0,649
Bateram, deram socos e pontapés ou chutes	6 (8,3)	5 (8,3)	11 (8,3)	
Roubaram coisas	2 (2,8)	3 (5,0)	5 (3,8)	
Causaram medo	4 (2,0)	2 (3,3)	6 (4,5)	
Agressão verbal	6 (8,3)	5 (8,3)	11 (8,3)	
Falaram de mim, contaram segredos meus	3 (4,2)	1 (1,7)	4 (3,0)	
Não falaram comigo	0 (0,0)	1 (1,7)	1 (0,8)	
Outros	0 (0,0)	2 (5,0)	2 (1,5)	
Onde te agrediram				
Ninguém me agrediu	53 (73,6)	42 (70,0)	95 (72,0)	0,435
Recreio	13 (18,1)	9 (15,0)	22 (16,7)	
Cozinha/bar	0 (0,0)	0 (0,0)	0 (0,0)	
Corredores/escadas	3 (4,2)	2 (3,3)	5 (3,8)	
Sala de aula	3 (4,2)	7 (11,7)	10 (7,6)	
De que ano são os alunos que te agrediram				
Ninguém me agrediu	54 (55,1)	44 (44,9)	98 (74,2)	0,884
Do mesmo ano, mas de outra turma	8 (61,5)	5 (38,5)	13 (9,8)	
São mais novos	1 (25,0)	3 (75,0)	4(3,0)	
Da minha turma	2 (25,0)	6 (75,0)	8 (6,1)	
São mais velhos	7 (77,8)	2 (22,2)	9 (6,8)	
Quem te agrediu				
Ninguém me agrediu	56 (77,8)	43 (71,7)	99 (75,0)	0,701
Uma menina	4 (5,6)	4 (6,7)	8 (6,1)	
Muitas meninas	1 (1,4)	1 (1,7)	2 (1,5)	
Um menino	4 (5,6)	6 (10,0)	10 (7,6)	
Muitos meninos	5 (6,9)	2 (3,3)	7(5,3)	
Meninos e meninas	2 (2,8)	4 (6,7)	6 (4,5)	

Observando os dados da tabela 3, apesar de não haver diferença significativa entre os sexos, pode-se constatar que 8,3% dos escolares são agredidos uma vez e que as agressões geralmente ocorrem por um colega (12,1%) ou por dois ou três colegas (6,1%). Analisando a relação aluno/professor, observa-se que 19,7% dos agredidos relataram que o professor impediu as agressões muitas vezes; já entre a relação pais/filhos, cerca de 13,6% não contaram ter sofrido agressão. A maioria dos alunos (35,6%) tentam ajudar como podem quando vêem algum colega sendo agredido e 12,9% alegam que ninguém defendeu.

Tabela 3: Perfil de agressão sofrida ou participativa

	Masculino n (%)	Feminino n (%)	Total n (%)	P
Quantas vezes te agrediram				

Nenhuma	64 (88,9)	48 (80,0)	112 (84,8)	
Uma	5 (6,9)	6 (10,0)	11 (8,3)	
Duas	1 (1,4)	2 (3,3)	3 (2,3)	0,512
Muitas vezes	2 (2,8)	4 (6,7)	6 (4,5)	
Quantos colegas da tua sala te agrediram				
Nenhum	60 (83,3)	47 (78,3)	107 (81,1)	
Um colega	8 (11,1)	8 (13,3)	16 (12,1)	0,682
Dois ou três colegas	4 (5,6)	4 (6,7)	8 (6,1)	
Quatro ou mais colegas	0 (0,0)	1 (1,7)	1 (0,8)	
Vezes que o professor impediu a agressão				
Não sei	47 (65,3)	41 (68,3)	88 (66,7)	
Uma	8 (11,1)	4 (6,7)	12 (9,1)	0,722
Duas	4 (5,6)	2 (3,3)	6 (4,5)	
Muitas vezes	13 (18,1)	13 (21,7)	26 (19,7)	
Disseste aos teus pais que te agrediram				
Ninguém me agrediu	56 (77,8)	41 (68,3)	97 (73,5)	
Não contei	8 (11,1)	10 (16,7)	18 (13,6)	0,467
Contei	8 (11,1)	9 (15,0)	17 (12,9)	
Teus colegas te defendem de uma agressão				
Ninguém me agrediu	49 (68,1)	42 (70,0)	91 (68,9)	
Ninguém me defendeu	6 (8,3)	11 (18,3)	17 (12,9)	0,084
Um ou dois colegas me defenderam	7 (9,7)	5 (8,3)	12 (9,1)	
Três ou mais colegas me defenderam	10 (13,9)	2 (3,3)	12 (9,1)	
Sua atitude quando agredem um colega				
Nada, não é comigo	21 (29,2)	20 (33,3)	41 (31,1)	
Nada, mas acho que deveria ajudar	28 (38,9)	16 (26,7)	44 (33,3)	0,325
Tento ajudar como posso	23 (31,9)	24 (40,0)	47 (35,6)	

Analisando a tabela 4, observa-se que 53,8% relataram nunca terem agredido alguém. Quando questionados quantos colegas já agrediram outros, verificou-se que um colega (12,1%) já agrediram outro colega e cerca de (15,9%) marcaram a questão onde diz que só se ele me irrita muito. Observa-se também, que 12,9% relataram que o professor falou com eles por terem agredido alguém e que a maioria dos pais (15,9%) conversaram por terem agredido alguém.

Tabela 4: Perfil de agressão participativa

	Masculino n (%)	Feminino n (%)	Total n (%)	P
Quantas vezes você agrediu alguém				
Nunca	40 (55,6)	31 (51,7)	71 (53,8)	
Uma vez	22 (30,6)	19 (31,7)	41 (31,1)	
Duas vezes	5 (6,9)	6 (10,0)	11 (8,3)	0,398
Três vezes	3 (4,2)	0 (0,0)	3 (2,3)	
Muitas vezes	2 (2,8)	4 (6,7)	6 (4,5)	
Quantas vezes te reuniu para agredir				
Nunca	63 (87,5)	54 (90,0)	117 (88,6)	
Uma vez	8 (11,1)	5 (8,3)	13 (9,8)	0,862
Duas vezes	1 (1,4)	1 (1,7)	1 (1,7)	
Quantos colegas teus agrediram outros colegas				
Nenhum	56 (77,8)	45 (75,0)	101 (76,5)	0,255

Um colega	11 (15,3)	5 (8,3)	16 (12,1)	
Dois ou três colegas	3 (4,2)	6 (10,0)	9 (6,8)	
Quatro ou mais colegas	2 (2,8)	4 (6,7)	6 (4,5)	
Ajuda a agredir quem não gostas				
Não	56 (77,8)	45 (75,0)	101 (76,5)	
Só se ele me irrita muito	12 (16,7)	9 (15,0)	21 (15,9)	0,750
Não sei	2 (2,8)	4 (6,7)	6 (4,5)	
Sim	2 (2,8)	2 (3,3)	4 (3,0)	
Professor falou por teres agredido alguém				
Não agredi ninguém	58 (80,6)	50 (83,3)	108 (81,8)	
Sim, falou	9 (12,5)	8 (13,3)	17 (12,9)	0,825
Não falou	2 (2,8)	1 (1,7)	3 (2,3)	
Professor não soube	3 (4,2)	1 (1,7)	4 (3,0)	
Em casa falaram por teres agredido alguém				
Não agredi ninguém	48 (66,7)	47 (78,3)	95 (72,0)	
Uma vez esta semana	6 (8,3)	1 (1,7)	7 (5,3)	0,267
Não falaram	6 (8,3)	3 (5,0)	9 (6,8)	
Sim, falaram	12 (16,7)	9 (15,0)	21 (15,9)	

Discussão

Constatamos que 31,8% dos escolares dos 6º, 7º, 8º e 9º ano do ensino fundamental de uma escola de ensino fundamental do município de Vera Cruz-RS relataram já ter sofrido algum tipo de agressão, índice este que é menor do que no estudo de Araújo e Reis (2012), realizado em duas escolas estaduais do município de Lavras-MG, em que o percentual foi de 42%. Também é inferior ao estudo de Santos et al. (2014), realizado com 14 escolas da rede municipal do município de Campina Grande, com índice de 38,9% e ao estudo de Carvalhosa Lima e Matos (2001), realizado em escolas de Portugal, com índice de 47,4%.

Entre as agressões sofrida a agressão verbal e física foram as que mais se destacaram, com 8,3%, índice este que é menor do que estudo comparativo de Kloh (2014), entre uma escola urbana e uma rural no município de Santa Cruz do Sul-RS, mas no qual observou-se que a escola urbana (15,2%) e a escola rural (30,6%) também apresentaram a agressão verbal como a principal forma de agressão. Já no estudo de Martins (2005), realizado com escolas de ensino médio e secundário de uma cidade do sudeste de Portugal, falar mal do colega (67%) foi a principal forma de agressão.

Em relação ao lugar que sofreram a agressão o recreio se destacou com (16,7%) e a sala de aula ficou logo atrás com (7,6%) foram identificados como os locais onde mais ocorrem as agressões dentro da escola, o que vai ao encontro do estudo realizado por Crema (2014), no município de Rio Pardo-RS, no qual o recreio (8,57%) também foi identificado como o principal local, diferente do estudo de Araújo e Reis (2012), realizado em duas escolas estaduais do município de Lavras-MG, em que o foco das agressões é a sala de aula (15%).

Quando questionados de que ano eram os agressores, 9,8% relataram ser do mesmo ano, mas de outra turma. Com relação a quem é o agressor, 7,6% disseram ser um menino o responsável, índice este que é menor do que no estudo realizado no município de Rio Pardo-RS, por Crema (2014), com percentual de 17,30%. Já, no estudo de Bandeira e Hutz (2012), realizado em três escolas do município de Porto Alegre-RS, os meninos foram mais agredidos por meninos (50%) e as meninas foram mais agredidas por meninas (20,9%).

Segundo as informações dos pais e professor sobre as agressões na escola, segundo os escolares, o professor impediu as agressões muitas vezes (19,7%) e 12,9% relatou que o professor falou com eles por terem agredido alguém, diferente do resultado encontrado no estudo de Santos (2010), realizado em uma escola do Distrito Federal, em que 12% relatou que o professor não tomou nenhuma atitude com relação às agressões.

Quando foi perguntado, se os alunos contaram em casa ter sofrido agressão, 13,6% disseram que não, índice este que é parecido ao estudo realizado por Nunes (2013), no município de Santa Cruz do Sul-RS, no qual o percentual foi de 14,6% e abaixo do índice encontrado no estudo de Daudt (2010), no município de Rio Pardo-RS, no qual apresentou um percentual elevado, cerca de 27,54%.

Quando questionados sobre a atitude que tomam ao ver alguma agressão, a maioria dos alunos (35,6%) tentam ajudar como podem, resultado parecido ao estudo realizado por Crema (2014) no município de Rio Pardo-RS, no qual o índice foi de 48,57%. No estudo de Martins (2005), realizado com escolas de ensino médio e secundário de uma cidade do sudeste de Portugal, observou-se que 91% tentam ajudar.

Conclusão

Conclui-se que o comportamento relacionado ao *bullying* demonstra que é elevado o percentual de escolares que já sofreram alguma agressão, sendo as agressões verbais e físicas, as principais.

Quando questionado o local, o recreio se destaca como onde mais ocorreu a agressão dentro da escola, sendo que deveria ser um local de aprendizado e socialização entre os alunos e não de agressão. Os professores, quando avisados, procuram impedir que as agressões aconteçam e os pais por muitas vezes não ficam sabendo que seus filhos foram agredidos na escola, mas quando sabem conversam com eles sobre o assunto.

Sugere-se que é necessária uma maior atenção e compreensão do assunto *bullying*, tanto por professores, pais e sociedade em geral. Para que não aconteça esse tipo de atitude, é necessário trabalhar esse assunto com os alunos, colocando as consequências tanto para as

vítimas como para os agressores e incentivar o companheirismo, o respeito às desigualdades, a amizade e o amor.

Referências

- Araujo, R. S. & Reis, F. P. G. (2012). *Avaliação diagnóstica sobre a ocorrência de bullying em duas escolas estaduais de Lavras, MG: perspectivas para o planejamento em Educação Física escolar*. Disponível em <http://www.efdeportes.com/efd167/a-ocorrencia-de-bullying-em-escolas.htm> Acesso em: 14 maio. 2016.
- Bandeira, C. M. & Hutz, C. S. (2012). *Bullying: prevalência, implicações e diferenças entre os gêneros*. Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional, 16 (1), 35-44.
- Beane, A. L. (2010). *Proteja seu filho do bullying*. Rio de Janeiro: BestSeller.
- Carvalhosa, S. F.; Lima, L. & Matos, M. G. (2001). *Bullying: a provocação/vitimação entre pares no contexto escolar português*. *Análise Psicológica*, 19(4), 523-537.
- Crema, E. R. (2014). *Bullying Escolar: um estudo com escolares de 5º ao 9º ano da Escola de Ensino Fundamental Barão do Triunfo do município de Rio Pardo – RS*. Monografia (Graduação do Curso de Educação Física) - Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2014.
- CHALITA G. (2008) *Pedagogia da Amizade. Bullying: o sofrimento das vítimas e dos agressores*. São Paulo: Gente.
- Daudt, M. D. A. (2010). *Bullying x Escola: um estudo com escolares de 5º e 8º séries da Escola Estadual de Ensino Fundamental Dr. Pedro Alexandrino de Borba do município de Rio Pardo-RS*. Monografia (Graduação do Curso de Educação Física) - Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2010.
- DUARTE, Juliano dos Santos (2009). *Agressividade na escola: um estudo na Escola Estadual de Educação Básica Borges de Medeiros*. 2009. 27f. Monografia (Curso de Graduação em Educação Física) – Universidade de Santa Cruz do Sul.
- GREENE MB. (2006) *Bullying in schools: a plea for measure of human rights*. *Journal Of Social Issues*, 62(1), 63-79.
- Kloh, F. (2014). *Bullying na adolescência não difere na zona urbana e rural no município de Santa Cruz do Sul – RS*. Monografia (Graduação do Curso de Educação Física) - Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2014.
- LOPES NETO A. (2007). *Diga não ao bullying*. *Revista Adolescência e Saúde*, Rio de Janeiro, 4(3), 51-56, 2007.

- LOPES NETO, (2011). Aramis Antônio. *Bullying: Saber identificar e como prevenir*. São Paulo: Breasilense.
- Martins, M. J. D. (2005). *Agressão e vitimação entre adolescentes, em contexto escolar: um estudo empírico*. *Análise Psicológica*, 23 (4), 401-425.
- MAYER SM. (2000) *Comportamento Agressivo em Escolares de 1º a 8º série do Ensino Fundamental de Santa Cruz do Sul: uma abordagem através da Teoria dos Sistemas Ecológicos*, 114f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional - Área Sócio Cultural) Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul.
- Nashiki, A. G. (2013) *Bullying: el poder de la violencia*. *Revista Mexicana de Investigación Educativa*, 18 (58), 839-870.
- Nunes, J. C. S. (2013) *Bullying: um estudo com escolares do 5º ao 7º ano da Escola Estadual de Ensino Médio Alfredo José Kliemann do município de Santa Cruz do Sul-RS*. Monografia (Graduação do Curso de Educação Física) - Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul.
- OLWEUS D. *Bullying at school*. Oxford e Cambridge: Blackwell, 1993.
- SILVA A.B.B. *Bullying: mentes perigosas nas escolas*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.
- Santos, J. A.; Cabral-Xavier, A. F.; Paiva, S. M. & Leite-Cavalcanti, A. (2014). *Prevalência e Tipos de Bullying em Escolares Brasileiros de 13 a 17 anos*. *Revista Salud*, 16(2), 173-183.
- Santos, M. P. O. (2010). *Fenômeno bullying na Educação Física Escolar: um estudo de caso no Distrito Federal*. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd143/fenomeno-bullying-na-educacao-fisica-escolar.htm> Acesso em: 14 maio. 2016
- Rolim, M. *Bullying: o pesadelo da escola*. Porto Alegre: Dom Quixote, 2010.
- Ruotti, C. . *Violência na escola: um guia para pais e professores*. São Paulo: Andhep, 2006.

ANEXOS

ANEXO A- Instrumento de coleta de dados**UNIVERSIDADE DE SANTA CRUZ DO SUL****BLOCO II**

Assinale com um X.

1. Em que série estás? (5^a) (6^a) (7^a) (8^a)
2. És um menino ou uma menina? (menino) (menina)
3. Que idade tens? _____ anos.

BLOCO III

4. Você já foi agredido alguma vez na escola? (sim) (não)
5. Quantas vezes aconteceu de ficares só, porque os outros meninos ou meninas não quiseram brincar contigo?
 - (A) Nunca fiquei só
 - (B) Uma ou duas vezes neste trimestre
 - (C) Uma vez esta semana
 - (D) Duas ou mais vezes esta semana

BLOCO IV

6. Como te agrediram?

Assinale com um X de acordo com o que já te aconteceu.

 - (A) Ninguém se meteu comigo
 - (B) Me bateram, me deram socos e pontapés ou chutes
 - (C) Me roubaram coisas
 - (D) Me causaram medo
 - (E) Me disseram nomes feios. Disseram coisas de mim ou do meu corpo
 - (F) Falaram de mim, contaram segredos meus.
 - (G) Não falaram comigo
 - (H) Me fizeram outras coisas. Que coisas foram estas? _____
7. Quando é que te agrediram (lugar)?
 - (A) Ninguém me agrediu
 - (B) No recreio
 - (C) Na cozinha/bar
 - (D) Nos corredores e nas escadas
 - (E) Nas salas de aula
 - (F) Em outro lugar. Qual? _____
8. De que séries são os alunos que te agrediram?
 - (A) Ninguém me agrediu
 - (B) Da minha série, mas de outra turma.
 - (C) São mais novos

- (D) São da minha turma
(E) São mais velhos
9. Quem te agrediu?
(A) Ninguém me agrediu
(B) Uma menina
(C) Muitas meninas
(D) Um menino
(E) Muitos meninos
(F) Meninos e meninas
10. Quantas vezes te agrediram, na última semana de aula?
(A) Nenhuma
(B) Uma
(C) Duas
(D) Muitas vezes
11. Quantos colegas da tua sala te agrediram?
(A) Nenhum
(B) Um colega
(C) Dois ou três colegas
(D) Quatro ou mais colegas
12. Quantas vezes os professores tentaram impedir os meninos ou as meninas de agredirem os outros?
(A) Não sei
(B) Uma
(C) Duas
(D) Muitas vezes
13. Disseste aos teus pais que te agrediram na escola?
(A) Ninguém me agrediu
(B) Não contei
(C) Contei
14. Há colegas que te defendem quando os outros tentam te agredir?
(A) Ninguém me agrediu
(B) Ninguém me defendeu
(C) Um ou dois colegas me defenderam
(D) Três ou mais colegas me defenderam
15. O que fazes quando vê que estão agredindo algum colega da tua idade?
(A) Nada, não é comigo
(B) Nada, mas acho que deveria ajudar
(C) Tento ajudar como posso. Como? _____

BLOCO V

16. Quantas vezes você agrediu (bater, empurrar, puxar, dizer nomes, causar nomes) alguém?
Ninguém saberá o que disseste.

17. Quantas vezes, na última semana, te reuniste com colega para agredir alguém?
(A) Nunca
(B) Uma vez
(C) Duas vezes
(D) Cinco ou mais vezes
18. Quantos colegas da tua sala agrediram outros colegas? Conta contigo se és um dos que agrediu.
(A) Nenhum
(B) Um colega
(C) Dois ou três colegas
(D) Quatro ou mais colegas
19. Te juntas com outros para agredir um aluno de quem não gostas?
(A) Não
(B) Só se ele me irrita muito

- (C) Não sei
 - (D) Sim
20. O professor falou contigo por teres agredido alguém?
- (A) Não agredi ninguém
 - (B) Sim, falou
 - (C) Não falou
 - (D) Professor não soube
21. Em tua casa falaram por teres agredido alguém?
- (A) Não agredi ninguém.
 - (B) Uma vez esta semana.
 - (C) Não falaram.
 - (D) Sim, falaram.

ANEXO B

Classificação do Qualis Educação - B4

NORMAS DA REVISTA EFDEPORTES

Notas

As notas devem desenvolver o tema em profundidade com um estilo claro e legível. O conteúdo deve estar de maneira original e mais inédito possível. Se for uma apresentação em um evento, indicar local, instituição e respectiva data. Os artigos são enviados sob um pseudônimo especialistas ou profissionais envolvidos revista da sua supervisão acadêmica.

O texto do artigo deve ser produzido em formato digital o mais neutro possível (.doc ou .rtf): Arial ou Times New Roman, espaço 1,5, sem espaçamento. Deve ser enviado para o nosso endereço de e-mail efdeportes@gmail.com anexado a uma mensagem. Deve ser corrigido sem erros de ortografia, gramática, estilo ou edição. Os Padrões de APA referências devem ser usados.

Ele pode ser escrito em qualquer língua, de preferência Espanhol, Português, Inglês, Francês ou catalão. Recomenda-se não exceder 3.900 palavras ou 10 páginas no total.

O texto deve ser acompanhado com: nome do autor e / ou autores, filiação (graus acadêmicos e instituições), palavras-chave e resumo do artigo. O título, palavras-chave e resumo em outro idioma (Inglês, Português ou outros) devem ser incluídos. Você também deve incluir telefone, endereço e e-mail para contato. Deve esclarecer-se, se você tem uma página pessoal na WWW.

Pode ser acompanhado de: fotografia do autor ou autores e ilustrações, imagens, gráficos, desenhos, idealmente em papel ou em formato digital (.jpg ou .gif) em cores ou preto

e branco; também formado mp3 som, animação por computador em WMV, AVI ou outro formato compatível com o formato HTML.

Colaborações também são aceitas nos formatos acima que têm ligações com o conteúdo da revista (Ex. Ilustrações). O documento original enviado para a digitalização não são devolvidos.

Não será publicado: textos com conteúdo que promova qualquer tipo de discriminação social, racial, sexual ou religiosa; ou artigos já publicados em outros lugares na World Wide Web. Você deve ser submetido à aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa, se for o caso.

Uma vez que o texto seja aceito para publicação e, em seguida, publicado, republicado ou copiado para outro site, ou outro formato digital ou papel não é permitido.

Revisões

As opiniões devem ser expressas em linguagem simples e, no caso de um ponto crítico, especificar o artigo e o autor de referência. Você não deve usar termos depreciativos.

Software e Publicações

Enviar um livro ou programa, não uma demo. Inclua um comentário, instruções e outros detalhes. Além de todos os dados para entrar em contato com o autor e / ou distribuidor.

O desenvolvimento dos padrões das referências

As normas da APA requer a elaboração de uma lista final de referências.

A lista de referências no final de uma obra deve fornecer as informações necessárias para identificar e recuperar as fontes utilizadas especificamente no preparação e justificação dos mesmos.

É imperativo que cada uma das citações que foram inseridas no texto é de referência correspondente na lista final e, inversamente, qualquer entrada na lista de referências deve ser citada no texto.

Uma vez que uma das finalidades da lista de referência é para permitir que o leitor recuperar e usar as fontes citadas, os dados de referência devem ser corretos e completos. Cada entrada geralmente contém os seguintes elementos: autor, ano de dados de publicação (localização e editoriais) publicação e título.

As seções a seguir são explicados em detalhes com alguns exemplos, características de estilo e pontuação prescrita para escrever referências literatura dos principais tipos de documentos.

Orientações Gerais

- Os dados para escrever a citação tirada do documento original para o qual relacionam, e são atraídos, principalmente, da capa.
- Nomes pessoais devem ser abreviados, usando apenas as iniciais.
- Para obras anônimas, o primeiro elemento do evento será o título.
- Se o autor é uma entidade do mesmo nome pode ser indicada como aparece na fonte.
- Para escrever o título, os critérios para capitalização são respeitados na língua em que é dada a informação.
- Legendas podem ser incluídas após o título, separadas por dois pontos e espaço (:)
- Se nenhuma data aparece no documento podemos dar uma data aproximada. (precedida pela abreviatura de cerca de: ca). Exemplo: ca. 1957

Citando uma monografia

Monografias, seguindo as orientações da APA são citadas de acordo com a seguinte esquema geral:

Nome (s), iniciais do nome. (Ano de publicação). Título do livro em itálico. Lugar Publicação: Editora.

Opcionalmente, podemos colocar a menção de edição, que vai entre parênteses após o título; e, se houver volume que vão em itálico.

Um único autor

Exemplos:

Pennac, D. (1998). *Como um romance*. Barcelona: Anagrama.

Aldecoa, J. (1992). *História de um professor*. (7ª ed.) Barcelona: Anagrama.

Vários autores

Se mais há mais de um autor deve indicar todos separados por vírgulas, exceto o último é precedida pela palavra "y" (e em Inglês).

Exemplos:

Bramwell, D., y Bramwell, Z. I. (1990). *Flores silvestres de las islas Canarias*. (3ª ed.) Madrid: Rueda.

Sears, F. W., Zemansky, M. W., y Young, H. D. (1988). *Física universitária*. Argentina: Addison-Wesley Iberoamericana.

García Marí, F., Costa Comelles, J., y Ferragut Pérez, F. (1994). *Las plagas agrícolas*. (2ª ed.) Valencia: Phytoma España.

Diferentes referências ao autor

Quando se trata de compiladores, editores, coordenadores ou diretores devem especificar após o nome entre parênteses.

Exemplos:

Haynes, L. (comp.) (1989). *Investigación/acción en el aula*. Valencia: Generalitat Valenciana.

Fernández Berrocal, P., y Melero Zabala, M. A. (coords.) (1995). *La interacción social en contextos educativos*. Madrid: Siglo XXI.

Citando um capítulo de um livro

Os capítulos de livros são citados de acordo com o seguinte esquema geral:

Nome (s), iniciais do nome dado. (Ano). Título do capítulo. A. A. Nome (s) Editor de A, BB Nome (s) editor B, e C. Nome (s) editor C (Eds. Ou Comps. etc.), Título do livro (pp. xxx-xxx). Local de publicação: Editora.

Exemplos:

Um autor

Boekaerts, M. (2009). La evaluación de las competencias de autorregulación del estudiante. En C. Monereo (coord.), *PISA como excusa: repensar la evaluación para cambiar la enseñanza* (pp. 55-69). Barcelona: Graó.

Vários autores

Alvarez, I., e Gomez, I. (2009). PISA, uma avaliação de projeto internacional verdadeira escuridão e luz. Em C. Monereo, *Pisa como uma desculpa* (coord.): *Repensar avaliação para mudar o ensino* (pp. 91-110). Barcelona: Grão.

Contribuições para Conferências, Simpósios ... são citados da mesma forma:

Exemplos:

Fraga González, C. (1982). Carpintería mudéjar en los archipiélagos de Madeira y Canarias. En *Actas del II Simposio Internacional de Mudejarismo: arte*. (pp. 303-313). Teruel: Instituto de Estudios Turolenses.

Aguilera Klink, F. (2003). Vigencia y necesidad de la nueva economía del agua. En P. Arrojo Agudo y L. del Moral Ituarte (coords.), *La directiva marco del agua: realidades y futuros: III Congreso Ibérico sobre Gestión y Planificación de Aguas* (pp. 175-184). Zaragoza: Universidad de Zaragoza.

Como citar um artigo de jornal ou revista

Um artigo de jornal, seguindo as regras da APA, citado em conformidade com o seguinte esquema geral:

Nome (s), iniciais do nome dado. (Ano de publicação). Título artigo. Título da revista em itálico, número do volume (número de emissão colchetes), última página primeira página do artigo.

Um único autor

Exemplos:

Torre Champsour, L. de la (2006). Documentos sobre la música en la catedral de Las Palmas. *El Museo Canario*, 61, 353-454.

Kelchtermans, G. (1996). Teacher vulnerability: Understanding its moral and political roots. *Cambridge Journal of Education*, 26 (3), 307-323.

Dois a seis autores

Os nomes de todos eles, separados por vírgulas que indicam, a última precedida a conjunção "y" (& em Inglês).

Exemplos:

Kernis, M. H., Cornell, D. P., Sun, C. R., Berry, A., & Harlow, T. (1993). There's more to self-esteem than whether it is high or low: The importance of stability of self-esteem. *Journal of Personality and Social Psychology*, 65, 1190-1204.

Llopis, E., Roselló, E., y Villaroya, J. (2009). "Fills de Kassim" un musical para educaren la convivencia cultural. *Eufonía: Didáctica de la música*, 47, 104-116.

Mais de seis autores

O nome do primeiro seis será indicado, seguido por et al.

Exemplo:

Wolchik, S. A., West, S. G., Sandler, I. N., Tein, J., Coastworth, D., Lengua, L. et al. (2000). An experimental evaluation of theory-based mother-child programs for children of divorce. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 68, 843-856.

Resumo (ou abstrato) a partir de um artigo

Quando a referência é um resumo da fonte original deve se colocar o resumo da palavra e depois o título:

Exemplo:

Woolf, N. J., Young, S. L., Fanselow, M. S., & Butcher, L. L. (1991). MAP-2 expression in cholinceptive pyramidal cells of rodent cortex and hippocampus is altered by Pavlovian conditioning [resumo]. *Society for Neuroscience Abstracts*, 17, 480.

Citando um recurso da Internet

Os recursos disponíveis na Internet pode ter uma tipologia variada: revistas, monografias, portais, bases de dados ... Portanto, é muito difícil dar uma diretriz geral para servir por qualquer tipo de recurso.

Pelo menos uma referência de Internet deve ter o seguinte:

- Título e autores do documento.
- A data em que o documento foi consultado.
- Endereço (URL "uniform resource locator")

Agora, através de vários exemplos, como especificamente citar alguns tipos recursos eletrônicos.

Monografia

A mesma forma de citação é usada para para monografias impressas. Mosto adicionar o URL e data em que o documento foi consultado.

Lau, J. (2004). *Directrices internacionales para la alfabetización informativa* [versão eletrônica]. México: Universidad Veracruzana. Página visitada em 21 de janeiro de 2009 de: <http://bivir.uacj.mx/dhi/DoctosNacioInter/Docs/Directrices.pdf>

Portais:

UNESCO.org. Página visitada em 21 de janeiro de 2010 de: [http://portal.unesco.org/es/ev.php-URL_ID = 29011 & URL_DO = DO_TOPIC & URL_SECTION = 201.html](http://portal.unesco.org/es/ev.php-URL_ID=29011&URL_DO=DO_TOPIC&URL_SECTION=201.html)

Jornal artigos:

A mesma forma de citação é usado como para artigos de revistas impressas. Você deve adicionar o URL e data em que o documento foi consultado.

Exemplo:

Sabaté Bel, F. (2005). La isla-continente que quisieron convertir en continenteisla. *Rincones Del Atlántico*, 2. Página visitada em 28 de junho de 2011 de: <http://www.rinconesdelatlantico.com/num2/isla-continente.html>

Añel Cabanelas, E. (2009). Formación on-line en la universidad. Pixel-Bit: *Revista de Medios y Educación*, 33, 155-163. Página visitada em 19 de janeiro de 2010 de: <http://www.sav.us.es/pixelbit/pixelbit/articulos/n33/11.pdf>

Artigos de periódicos eletrônicos que estão em um banco de dados:

Ele usa a mesma forma de citação para artigos de periódicos impressos, mas deve ser adicionado o nome do banco de dados, a data foi consultado pelo documento.

Exemplo:

Sánchez-Valle, I. (1997). Metodología de la investigación educativa de la profesión docente: (referencia a la Educación Secundaria). *Revista Complutense de Educación*, 7(2), 107-136. Página visitada em 20 de janeiro de 2009 de: DIALNET, <http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=150203&orden=1&info=link>

Nota-se que não existe um ponto final quando uma referência termina com um URL.

Como citar documentos inéditos (teses, dissertações ...)

Os documentos (como teses, dissertações ...) que não tenham sido publicados e que desconhecido publicação possível são citados de acordo com o seguinte esquema:

Nome (s) nome. (Ano). Título da obra em itálico. (Classe do documento inédito: Tese de doutorado não publicada, documento não publicado ...). Instituição acadêmica na qual apresenta. Localização.

Exemplos:

Ardevol González, J. F. (1990). *Flora y vegetación del municipio de Icod de los Vinos*. (Tese inédita). Departamento de Biología Vegetal. Universidad de La Laguna.

Almohalla Gallego, F. (1986). *El Señorío de Osuna en Archidona: 1831-1862*. (Licenciatura inédita). Universidad Nacional de Educación a Distancia. Ceuta.

Se o documento já foi publicado, foi citado como um estudo de caso na sequência da seguinte esquema:

Nome (s) Name. (Ano). Título da obra em itálico. (Tese de doutorado). Instituição acadêmica no que foi apresentado. Localização.

Citando informações da web social

Blog Mensagem

Sobrenome, iniciais do nome. (Ano, mês, dia). Título entrada post. [Publicar um blog]. Retirado de <http://xxxxxxx.com>

Youtube Vídeo

Sobrenome, iniciais do nome. (Ano, mês, dia). Título do vídeo. [File Video]. Retirado de <http://www.youtube.com/URLespecifica>

Tuit

Usuário. (Ano, mês, dia). O tweet completo [Tweet]. Retirado de <http://twitter.com/usuario>

Postado no Facebook

Nome de usuário. (Ano, mês, dia). O post completo. [Update Facebook]. Retirado de <http://facebook.com>

O email

Citado no texto, não está na lista de referência. Inicial e último nome do remetente (comunicação pessoal, mês, dia, ano)

Como ordenar as referências

Nas referências escritas pelas normas da APA, o texto deve ser organizado com respeito à primeira linha de cada consulta.

Exemplos:

De Landsheere, G. (1985). *Diccionario de la evaluación y de la investigación educativa*. Barcelona: Oikos-Tau.

Vaquero Rico, J. (2008). *Navegación costera: problemas resueltos*. (6ª ed.) Madrid: Pirámide.

As referências devem ser apresentadas em ordem alfabética pelo sobrenome do autor, ou primeiro autor no caso de serem muitos. Se um autor tem várias obras serão classificados em ordem de aparecimento.

Exemplos:

De Landsheere, G. (1982). *La investigación experimental en educación*. París:UNESCO.

De Landsheere, G. (1985). *Diccionario de la evaluación y de la investigación educativa*. Barcelona: Oikos-Tau.

De Landsheere, G. (1986). *La recherche en éducation dans le monde*. París: P.U.F.

Se o mesmo autor, possuir várias referências no mesmo ano deve especificar os anos seguido de uma letra minúscula e ordenou em ordem alfabética.

Exemplos:

Freire, P. (1978a). *Pedagogía del oprimido*. Madrid: Siglo XXI.

Freire, P. (1978b). *Pedagogía y acción liberadora*. Madrid: Zero.

Freire, P. (1978c). *Cartas a Guineia-Bissau: Apuntes para una experiencia pedagógica en proceso*. Madrid: Siglo XXI.

Se são obras de um autor em colaboração com outros autores, a ordem será indicada pelo sobrenome do segundo autor, independentemente do ano de publicação.

Publicações individuais são colocadas antes das obras colaborativas.

Exemplos:

Stake, R. E. (1975a). *Evaluating the arts in education: a responsive approach*. Ohio: Merrill.

Stake, R. E. (1975b). Program Evaluation: particularly responsive evaluation. *Occasional Papers*, n. 5. Kalamazoo: University of Western Michigan.

Stake, R. E. (1978). The case study method in social inquiry. *Educational Researcher*, 7, 5-8.

Stake, R. E., & Easley, J. A.(comp.) (1978). *Case studies in science educations*, vol. 1,2. Illinois: CIRCE, University of Illinois.

Stake, R. E., & Gjerde, C. (1971). An evaluation of TCITY: The Twin City Institute for Talented Youth. *Occasional Papers*, n. 1. Kalamazoo: University of Western Michigan.